

ARTE. Em *O Índio que você não vê*, nova mostra itinerante do Museu Théo Brandão, não existe nudez, corpos pintados, cocar ou penachos. As características das fotografias revelam um indígena real, o cotidiano das comunidades, as crianças nas ações mais comuns, as moradias e o dia a dia das famílias. Tudo retratado de forma íntima, estabelecendo o olhar igualitário que possibilita o reconhecimento de si mesmo no que seria considerado o outro.



"Essas comunidades acabaram, até por meios violentos, incorporando alguns elementos sócio culturais dos colonizadores, a partir disso nosso objetivo é justamente resgatar essa identidade"

ANDRESSA ALVES *
ESTAGIÁRIA

"E naquilo sempre mais me convenceu que eles são como aves ou animais montesinhos, aos quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que aos humanos, porque os seus corpos são tão limpos, tão gordos e formosos, a não mais poder. [...] Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendéssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem possuem crença alguma, segundo as aparências. Andam nus, sem cobertura alguma [...] Traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrês, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber".

É assim que, primordialmente, o mais importante documento relacionado ao descobrimento do Brasil concebe a imagem dos índios nativos. Escrita em Porto Seguro, por Pero Vaz de Caminha em 1500, e enviada ao Rei de Portugal D. Manuel I, entre 26 de abril e 2 de maio do mesmo ano, a Carta de Caminha torna-se conhecida apenas em 1817, quando foi publicada pela primeira vez.

A visão superficial sobre o indígena, o etnocentrismo inerente às descrições, a recusa da diversidade e as impressões carregadas de simbolismos folclóricos são sementes plantadas ainda na colonização portuguesa, mas que têm como principal fruto o preconceito que segue durante

séculos, eliminando as possibilidades de compreensão da cultura e do modo de vida congênito. Com isso, o preconceito alcança diferentes dimensões, geralmente estabelecidas pela produção e reprodução de estereótipos que são inseridos na sociedade desde muito cedo, manifestando ainda na educação escolar imagens típicas dos índios reduzidos à figura folclórica.

Para desconstruir a ideia engessada e esse conjunto de representações eurocêntricas é necessário evidenciar outros aspectos da cultura indígena no Brasil. É exatamente esse o objetivo que traz as fotografias do estudante de Ciências Sociais, Alberto Pontes. Intitulada *O Índio que você não vê*, a exposição de fotografias foi inaugurada no último dia 20, no Museu de Antropologia e Folclore Théo Brandão, e até o dia 9 de agosto exibe 40 fotografias em preto e branco com registros de 11 comunidades indígenas alagoanas, localizadas no Agreste e no alto Sertão.

Parte de um projeto de pesquisa feita por Alfredo, para a composição do *Atlas de terras indígenas em Alagoas*, publicado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e pelo curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), as fotografias trazem a caracterização da visão genérica e simplista preestabelecida, que perdura como o único conhecimento da maioria das pessoas.

Como uma proposta de organizar dados demográficos das terras indígenas, as pesquisas e aulas práticas eram inicialmente voltadas para a investigação das questões políticas e sociais, como saúde e educação nas comunidades.



Internacional

Dentre as novidades e projetos está a exposição no exterior. Com um sucesso que não se limitou as terras nordestinas, "O Índio que você não vê" ganha o mundo ainda essa semana e deve ser exposto na Argentina. A convite do Setor de Antropologia Visual da Universidade de Buenos Aires (AVAL), a mostra estará no Museu Etnográfico Juan Ambrosetti, representando o Laboratório de Antropologia Visual de Alagoas.

Entretanto, a visão mais sensível e cultural, aliada ao interesse pela antropologia fotográfica, fez das aulas em campo o espaço ideal para a criatividade e sensibilidade do fotógrafo Alfredo Pontes exteriorizar-se. "Enquanto o pessoal fazia as entrevistas, buscando dados mais numéricos e determinantes, eu saía de fininho e ia fotografando. Buscava esse lado diferenciado, o olho no olho, os aspectos mais simples", afirma o fotógrafo.

Nada de nudez, corpos pintados, cocar ou penachos. As características das fotografias de O Índio que você não vê revelam um indígena real. O cotidiano das comunidades, as crianças nas ações mais comuns, as moradias e o dia a dia das famílias são retratados de forma íntima, estabelecendo o olhar igualitário que possibilita o reconhecimento de si mesmo no que seria considerado o outro. "A proposta é justamente estabelecer uma sensibilidade social na visão da alteridade", acrescenta Alfredo.

do. Entretanto, a inserção do índio no contexto social não anula a tradicional cultura das comunidades indígenas. Paralelo a esse viés mais realista, encontra-se até hoje as danças típicas das tribos, os rituais secretos, a presença de caciques e pajés, e uma política própria, mantendo viva a tradição que representa a história de resistência brasileira.

Em campo entre os meses de setembro e dezembro de 2013, os grupos indígenas do estado de Alagoas passaram a ser o principal objeto de estudo antropológico do grupo de pesquisa. Com oito pesquisadores, junto aos professores Cláudia Mura e Silvé Amorim- que assinam a curadoria da mostra- etnias como Kalókin e Karirixocó, do município de Porto Real do Colégio, Kankankó, Tingú-Boró, de Feira Grande, e Karapotí, de São Sebastião, e outras comunidades escolhidas para visita, foram estudadas e tiveram seu dia a dia acompanhado de perto.

A aparente facilidade em captar as imagens que transpareçam essa realidade particular esconde, na verdade, uma experiência com dificuldades e abdicções. Viagens longas, dias fora de casa, árduo trabalho, noites mal dormidas e todos os obstáculos enfrentados concedem a realização do projeto um sabor especial.

Além disso, a receptividade encontrada entre os índios representou um dos fatores determinantes para a construção do trabalho fotográfico. Segundo Alfredo, nas aulas em campo a fotografia funcionou como uma ponte de conexão entre o objeto e o que era contemplado por ele.

"Eu fui muito bem re-

cebido. Chegava e sentia a sintonia, dependendo da conexão que se estabelecesse e se sentisse a liberdade de fotografar, eu fazia as fotos. Antes de ir visitar as comunidades nós nos comunicávamos com as lideranças das comunidades, então não senti receio, dificuldade ou repulsa das pessoas na hora de serem fotografadas. Escolhi imagens não convencionais que me atraíram e despertavam o interesse", afirma.

Somente em dezembro, com o fim das aulas práticas, o fotógrafo se deu conta da riqueza etnográfica que tinha em mãos. Com centenas de fotos, era preciso decidir o que seria feito do material que tanto falava sobre sua experiência. Após a inscrição, para a surpresa do grupo e de Alfredo, a exposição foi contemplada por edital público, aberto pelo museu também no final do ano passado, com o objetivo de selecionar dois trabalhos para exibição, no decorrer deste ano, nas salas de exposições temporárias. "Eu tinha todo o material e inscreei sem dizer a ninguém, não tinha nenhuma confiança que fosse ser escolhido. Quando saiu o resultado estava no exterior, acabei não vendo no mesmo dia. Quando retornei recebi a notícia. Foi realmente incrível".

Tanto esforço tem tido o retorno merecido. De maneira espontânea e surpreendente o acolhimento do público é demonstrado nos números de visitantes à exposição: mais de 200, em apenas duas semanas.

Com os resultados positivos, a intenção é que os aspectos indianistas, onde são destacadas as diferenças entre índios e brancos, sejam substituídos por uma visão mais realista e que proporcione o resgate da identidade indígena.

NOVOS PROJETOS

As novas ideias não param de florescer. Após a experiência pesquisando as diferentes etnias indígenas, dessa vez a realidade das comunidades quilombolas alagoanas instiga a curiosidade de Alfredo Pontes. Como um projeto a ser construído, o fotógrafo pensa em produzir um documentário que, assim como a exposição, revele o que por anos tem sido retratado sob imposições de valores e costumes.

Dentre as novidades e projetos está a exposição no exterior. Com um sucesso que não se limitou as terras nordestinas, "O Índio que você não vê" ganha o mundo ainda essa semana e deve ser exposto na Argentina. A convite do Setor de Antropologia Visual da Universidade de Buenos Aires (AVAL), a mostra estará no Museu Etnográfico Juan Ambrosetti, representando o Laboratório de Antropologia Visual de Alagoas.

"O objetivo da exposição é desmistificar a figura do índio. Ainda sentia muito preconceito com as diversidades culturais. Essas comunidades acabaram, até por meios violentos, incorporando alguns elementos sócio culturais dos colonizadores, a partir disso nosso objetivo é justamente resgatar essa identidade", ponderou Alfredo.

* Sob supervisão da editoria de Cultura

Serviço

O que: Exposição *O Índio que você não vê*
Quando: Até o dia 9 de agosto
Onde: Museu Théo Brandão
Mais informações: (82) 3214-1715